

DISCURSO JORNALÍSTICO COMO UMA TECNOLOGIA DE GÊNERO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Tatiana Amorim¹

Resumo:

O texto objetiva analisar o discurso jornalístico a partir do conceito de tecnologia de gênero da autora Teresa de Lauretis (1994) no intuito de determiná-lo como um espaço gendrado atuante nas representações de gênero.

Palavras chave:

Discurso jornalístico; tecnologia de gênero; representações sociais

Temos, na sociedade contemporânea, uma realidade nunca antes vista ou vivida. Uma realidade onde as mídias participam ativamente da construção de nossas visões de mundo. A mídia (seja ela impressa, eletrônica, audiovisual, etc. ou a convergência entre elas) está presente no cotidiano contemporâneo, mediando nossas concepções de mundo. Filtra e molda o dia a dia por meio de suas representações, “fornecendo critérios e referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum” (SILVERSTONE, 2002, p. 20).

Vivemos em dias nos quais a importância da mídia é inegável. Roger Silverstone (2005), ao discorrer sobre o papel central da mídia na cultura contemporânea, afirma que:

É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa quanto eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência (2002, p. 12).

Os conhecimentos difundidos pela mídia, em especial a jornalística, são de toda sorte e atuam diretamente nas representações de mundo do sujeito social. Rocha et al. apontam que “Nesse processo discursivo, portanto, o jornalismo é um produtor de representações sociais e de sentidos, pois as várias estratégias midiáticas armam uma teia complexa, em que se cruzam significados e valores já existentes na formação de outro sentido” (2009, p. 91-92).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PósCom/UnB), sob orientação da professora Dra. Liliane Machado. E-mail: profa.amorim@gmail.com

Serge Moscovici, em 1961, resgatou o conceito de representações coletivas de Durkheim para desenvolver a teoria das representações sociais que “busca designar fenômenos múltiplos, observados e estudados em termos de complexidades individuais e coletivas ou psicológicas e sociais” (SEGA, 2000, p. 128). Para Jodelet (2001) construímos representações pois precisamos conhecer as relações que temos com o mundo que nos cerca, o que dá às representações tamanha importância na vida cotidiana. De acordo com a autora as representações sociais “circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (JODELET, 2001, p. 1).

Frente a uma sociedade permeada pela participação midiática pretendo analisar o discurso jornalístico a partir do conceito de tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) no intuito de determiná-lo como um espaço gendrado atuante nas representações de gênero do corpo social. Para tanto passarei por algumas etapas. Primeiro preciso trabalhar os encontros entre a mídia e as representações sociais, posteriormente apontar o jornalismo como participante da construção da realidade social, e, por fim, a partir das ideias de Teresa de Lauretis (1994) relacionar o discurso jornalístico como uma tecnologia de gênero.

As questões de gênero que circundam nossa sociedade vêm sendo trabalhadas por diversas autoras dos mais variados campos do conhecimento, no entanto ainda temos poucas produções no campo da comunicação. Escosteguy e Messa (2008) apontam que apesar de tímidos, os estudos que entrelaçam comunicação e gênero vem ganhando força e destacam que

O campo de investigação para aqueles que se interessam em estudar a comunicação sob uma perspectiva de gênero é, sem dúvida, um grande desafio. O tema permite inúmeras possibilidades e variações acerca das interações dos meios com seu público – na maioria das vezes - genericamente diferenciado. (2008, p. 28)

No texto *A tecnologia do gênero* Teresa de Lauretis (1994) elabora quatro proposições para explicar como a representação de gênero é construída, aceita e absorvida: 1) o gênero é uma representação; 2) representar o gênero é construí-lo; 3) a construção do gênero continua em andamento e 4) a construção do gênero também se faz por meio da sua desconstrução. A autora aponta ainda que o gênero “é produto de

diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como as práticas da vida cotidiana.” (p. 208)

Ao apontar o discurso jornalístico como uma tecnologia de gênero pretendo esclarecer que pode-se trabalhar a variedade dos discursos midiáticos a partir desta visão, possibilitando novas pesquisas na área, além de contribuir pra um subcampo ainda jovem.

Referências

- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; MESSA, Márcia Rejane. **Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no brasil**. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org). Comunicação e gênero [recurso eletrônico] : a aventura da pesquisa. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.
- JODELET, D. Representações sociais; um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. “A Tecnologia do Gênero” in **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Org.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Rio de janeiro, Rocco, 1994.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEREIRA JUNIOR, A . E. V. **Jornalismo e representações sociais: algumas considerações**. Revista e-compós, dezembro de 2004.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. IN.: Anos 90, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento** (22a ed.), Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROCHA, Sibila et al. A representação feminina nos discursos midiáticos e suas repercussões nas práticas formativas. **Vidya**. Santa Maria: UNIFRA, v. 29, n. 1, p. 87-96, jan./jun. 2009.